

Em dezembro do ano passado escrevi um artigo neste mesmo espaço, colocando os três Cs principais que definiriam o tamanho da safra de grãos, na época considerada um novo recorde potencial: o Clima, o Câmbio e a China.

Os dois últimos não tiveram ainda um impacto negativo sobre a renda rural de 2021, mas o clima fez um estrago considerável.

O atraso no plantio da soja - como referido naquela matéria - realmente reduziu a “janela” para o plantio do milho segunda safra, que equivale a mais de 70% do total da safra anual. Por essa razão, os produtores estenderam o período do plantio do milho até fim de março, e não deu outra: choveu pouco em março, abril e maio nas regiões produtoras. Com isso, a expectativa de colher 82 milhões de toneladas de milho “safrinha” foi reduzida em cerca de 20 milhões de toneladas, segundo a visão da Abramilho, a Associação Brasileira de Produtores de Milho. Uma quebra enorme e que terá influência sobre os preços que já estavam acima da média histórica, com consequência direta no custo das rações, encarecendo a produção de frangos e suínos (também de leite) e criando dificuldade para os produtores rurais, para a indústria de carne que não consegue repassar este aumento aos consumidores, e para esses últimos, bem afetados pela redução de poder aquisitivo.

A seca atingiu também outros três Cs referidos na mesma matéria de dezembro: cana-de-açúcar, café e citros.

A safra de cana-de-açúcar no Sudeste/Centro-oeste pode ser 10% menor que a colheita passada segundo cálculos da respeitada consultoria Canaplan: menos 60 milhões de toneladas.

O café, que já teria uma produção menor por causa da sua característica bianualidade, foi atingido pela seca e pelo calor forte de setembro/outubro do ano passado, e vem com uma colheita 15% menor que em 2020.

E a laranja, que também sofreu com aquele período, deverá ter uma colheita 10% menor que a média dos últimos 10 anos.

Deu errado com o C do clima. E ainda tem as pastagens que acabarão secando mais cedo.

Tudo isso é uma pena. Os números da economia do primeiro trimestre de 2021 foram muito favoráveis à agropecuária nacional. O PIB do setor cresceu 5,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, sustentando mais uma vez o aumento do PIB total do país, que foi de 1,2%. Se a safra recorde se materializasse, permitiria um espetacular crescimento da economia brasileira, especialmente porque a demanda global alimentada pela tragédia da pandemia continua aquecida. Exportaríamos grandes volumes de grãos e carnes a bons preços, contribuindo para o maior saldo comercial e melhorando a renda nacional. Agora é possível que esse fato não se concretize.

E os efeitos nefastos da seca não terminam aí. Com a falta de chuvas, o nível das represas que alimentam as hidrelétricas está baixo. E embora as autoridades responsáveis pela distribuição de energia considerem que não há

risco iminente de falta dela no auge da seca (agosto/setembro) precisamos torcer para chover no inverno mais do que o normal.

Por fim, há o tema do uso da água, tanto na cidade como no campo, sobretudo quanto a irrigação. Tomara que não falte água para ninguém, evitando assim o indesejável racionamento que tivemos anos atrás.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**